

Cézanne : entre o real e a consciência
Prof. Mollica

Taciturno, mal humorado, cheio de fobias, homem avesso á vida social, filho de pai banqueiro, com que sempre manteve uma relação tensa e dificultosa, apesar de ser sustentado financeiramente pelo mesmo a vida inteira, Paul Cézanne, natural da Provice, sul da França, foi um lutador. Lutou com o pai que o queria seguindo sua profissão de banqueiro, contra a hipocrisia cidadina de Paris , contra os críticos de arte dos salões oficiais e , sobretudo contra ele mesmo: sua exigência com a pintura não tinha limites.. Cézanne morreu dizendo que ainda tinha muito a aprender com a natureza. Viveu o suficiente em 1906 aos 67 anos.

Depois de convencer o pai que sua vontade era ser pintor, estudou inicialmente na Escola de Belas Artes de Paris , freqüentando ao mesmo tempo a Escola Suíça de desenho livre, onde conheceu outros pintores , que como ele, discordavam do ensino oficial da academia. Conheceu os impressionistas e teve em Pissarro seu grande mentor.

Após um começo romântico, baseado nos princípios de Delacroix, onde estuda a modelagem dos corpos pela justaposição de acordes cromáticos e contrastes simultâneos, realiza trabalhos com pinceladas livres e diversificadas à maneira expressionista, com grossas camadas de cor usando contrastes de luz e sombra bastante fortes para obter efeitos de alta dramaticidade em suas cenas.

Ao se aproximar dos impressionistas vai pintar a natureza ao ar livre em Oise . É lá que recebe suas mais importantes lições de como contrastar sem o uso do preto, usando apenas cores básicas como o vermelho, o amarelo e o azul, juntamente com suas escalas ascendentes e descendentes, onde o que está em jogo é a intensidade cromática da pincelada. Aprende também com Pissarro a construir segundo sua própria percepção das coisas com pequenas sensações traduzidas nessas pinceladas e sua gama infinita de possibilidades de contrastes e justaposições valorativas das escalas cromáticas.

Mais tarde , depois de participar de três exposições impressionistas , se isola em Aix e L'Estaque . É no processo de pensar a pintura imagina a possibilidade de “refazer Poussin com os meios de hoje”. Com isso queria dizer que pensava numa pintura com o colorido divisionista aprendido com Pissarro, mas com a solidez da arte clássica. Uma pintura moderna mas que transcendesse a pura sensação e chegasse ao intelecto através da observação sistematizada da estrutura das coisas: pintura como construção arquitetônica. Para Cézanne os quadros impressionistas parecem demasiadamente escravizados ao momento, ao efêmero. Quer penetrar intelectualmente nas estruturas imutáveis das coisas da natureza, representar o inalterável, o permanente que reside na natureza: “o olho não basta, necessita de reflexão”, assim se referia ao seu projeto pictórico. Quer desvendar o que há no fundo das coisas, a forma imanente e eterna. Ou seja, não quer se deter na lisura totalitária do ver prefere as dobras indagadoras do olhar.

Nega o princípio renascentista da profundidade linear da perspectiva. Para Cézanne a profundidade se consegue com a dinâmica inerente ao jogo sucessivo das linhas verticais articuladas com as horizontais num processo onde as cores se agrupam formando sistemas de coloridos autônomos, paradoxalmente fragmentados, mas que se articulam através da

totalidade da composição. Não há em Cézanne nenhum espaço do quadro sem tensão máxima.

Cézanne divide seu processo de pintar em duas etapas: primeiro tem que ler o motivo, analisá-lo em profundidade antes e começar a pintar. Depois, a fase de “realização”, que consiste na composição das formas segundo as estruturas e as cores que havia fixado previamente. É importante frisar que para **Cézanne** essas formas devem traduzir fielmente o espírito da natureza, não se afastando dela através da imaginação do pintor. Essa fidelidade à natureza não se confunde com uma cópia servil, imitativa, “da forma desnudada natureza, segundo o pintor Bernard, “cabendo ao pintor revelar o invisível, o que ninguém jamais viu, traduzindo essa visão em conceitos pictóricos absolutos”. Ou seja, a algo distinto da realidade.

Esse paradoxo em que convivem a fidelidade do absoluto da natureza e a visão inteligente, consciente e subjetiva que molda uma determinada lógica do pintor, é um conceito extremamente difícil de ser entendido pela lógica simples. Há que recorrer à termodinâmica onde esse processo de coabitação de dois fenômenos antagônicos num mesmo espaço e ao mesmo tempo já foi percebido pelos físicos modernos. Mas, ao que parece, é quase impensável que a pintura chegou bem antes, através de Cézanne.